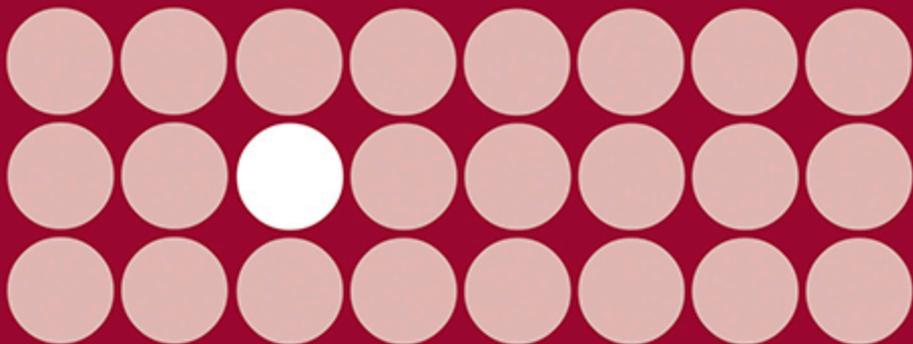


# Esdras e Neemias

Introdução  
e comentário

Derek Kidner



·SÉRIE CULTURA BÍBLICA·  VIDA NOVA

## CONTEÚDO

PREFÁCIO GERAL .....	6
PREFÁCIO À EDIÇÃO EM PORTUGUÊS .....	5
PREFÁCIO DO AUTOR .....	7
UMA SELEÇÃO DE DATAS .....	8
ABREVIATURAS PRINCIPAIS .....	9
INTRODUÇÃO	
I. Esdras e Neemias na situação histórica dos seus tempos .....	11
II. A política religiosa dos reis persas .....	16
III. Alguns dos temas principais de Esdras-Neemias .....	18
COMENTÁRIO DE ESDRAS .....	31
COMENTÁRIO DE NEEMIAS .....	83
APÊNDICES	
I. A designação, as fontes, os idiomas e a autoria de Esdras - Neemias .....	151
II. A identidade de Sesbazar .....	157
III. Os Papiros de Elephantina e algumas declarações de Josefo .....	161
IV. Uma questão de cronologia: Esdras-Neemias ou Neemias - Esdras? .....	165
V. O livro da lei de Esdras .....	179
VI. Esdras-Neemias como história .....	186



## PREFÁCIO DA EDIÇÃO EM PORTUGUÊS

Todo estudioso da Bíblia sente a falta de bons e profundos comentários em português. A quase totalidade das obras que existem entre nós peca pela superficialidade, tentando tratar o texto bíblico em poucas linhas. A *Série Cultura Bíblica* vem remediar esta lamentável situação sem que peque, de outro lado, por usar de linguagem técnica e de demasiada atenção a detalhes.

Os Comentários que fazem parte desta coleção *Cultura Bíblica* são ao mesmo tempo compreensíveis e singelos. De leitura agradável, seu conteúdo é de fácil assimilação. As referências a outros comentaristas e as notas de rodapé são reduzidas ao mínimo. Mas nem por isso são superficiais. Reúnem o melhor da perícia evangélica (ortodoxa) atual. O texto é denso de observações esclarecedoras.

Trata-se de obra cuja característica principal é a de ser mais exegética que homilética. Mesmo assim, as observações não são de teor acadêmico. E muito menos são debates infundáveis sobre minúcias do texto. São de grande utilidade na compreensão exata do texto e proporcionam assim o preparo do caminho para a pregação. Cada Comentário consta de duas partes: uma introdução que situa o livro bíblico no espaço e no tempo e um estudo profundo do texto a partir dos grandes temas do próprio livro. A primeira trata as questões críticas quanto ao livro e ao texto. Examina as questões de destinatários, data e lugar de composição, autoria, bem como ocasião e propósito. A segunda analisa o texto do livro seção por seção. Atenção especial é dada às palavras-chave e a partir delas procura compreender e interpretar o próprio texto. Há bastante "carne" para mastigar nestes comentários.

Esta série sobre o V.T. deverá constar de 24 livros de perto de 200 páginas cada. Os editores, Edições Vida Nova e Mundo Cristão, têm programado a publicação de, pelo menos, dois livros por ano. Com preços moderados para cada exemplar, o leitor, ao completar a coleção, terá um excelente e profundo comentário sobre todo o V.T. Pretendemos, assim, ajudar os leitores de língua portuguesa a compreender o que o texto vetero-testamentário de fato diz e o que significa. Se conseguirmos alcançar este propósito seremos gratos a Deus e ficaremos contentes porque este trabalho não terá sido em vão.

*Richard J. Sturz*

## PREFÁCIO GERAL

O alvo desta série é fornecer ao estudante da Bíblia um comentário conveniente e atual sobre cada livro, enfatizando-se primeiramente a exegese. Questões críticas importantes são discutidas nas introduções e nas notas adicionais, ao passo que detalhes técnicos indevidos têm sido evitados.

Nesta série os autores individuais, naturalmente, estão livres para fazer suas próprias contribuições distintivas e expressar seu próprio ponto de vista sobre todas as questões controvertidas. Dentro dos limites necessários do espaço, freqüentemente chamam a atenção a interpretações que eles mesmos não sustentam mas que representam as conclusões declaradas doutros cristãos sinceros. Os livros de Esdras e Neemias já há muito tempo têm sido o assunto de controvérsias acadêmicas especiais e complexas, principalmente acerca da ordem dos eventos registrados. O autor mantém com sinceridade a ordem tradicional do aparecimento no palco da história destes dois líderes judaicos influentes numa época de grande crise nacional. Outros pontos de vista não são desconsiderados de modo algum; o autor deliberadamente coloca a discussão detalhada dalguns de seus aspectos em Apêndices, para deixar o leitor geral concentrar-se no ensino global, na mensagem e na relevância destes livros do Antigo Testamento.

No Antigo Testamento em especial, nenhuma tradução única é adequada para refletir o texto original. Os autores destes comentários, portanto, livremente citam várias versões ou oferecem sua própria tradução, no esforço de tornar significantes hoje as passagens ou palavras mais difíceis. Onde necessário, as palavras do texto hebraico (e aramaico) que subjazem seus estudos, são transliteradas. Isto ajudará o leitor que talvez não tenha familiaridade com as línguas semíticas a identificar a palavra sendo discutida e assim seguir o argumento. Pressupõe-se, a cada passo, que o leitor terá acesso imediato a uma ou mais versões fidedignas da Bíblia em português.

O interesse no significado e na mensagem do Antigo Testamento continua inalterado e esperamos que esta série venha a promover o estudo sistemático da revelação de Deus, da Sua vontade e de Seus caminhos conforme registrados nas Escrituras. É a oração do editor, dos publicadores, bem como a dos autores, que estes livros possam ajudar muitos a entender e a obedecer a Palavra de Deus nos dias de hoje.

D. J. Wiseman

## PREFÁCIO DO AUTOR

Estou feliz por aproveitar a oportunidade que um Prefácio oferece para fazer alguns agradecimentos. Sou grato à Srta Ann Bradshaw por sua perícia em decifrar um verdadeiro palimpsesto e em produzir um manuscrito datilografado ordeiro; ao Dr. Hugh Williamson por ter chamado à minha atenção artigos que eu poderia facilmente ter deixado passar despercebidos; à Biblioteca Tyndale por ter fornecido quase a totalidade da matéria de referência que era necessária; e ao Editor desta série por ter-me dado esta tarefa cativante.

Que este comentário não acrescente grandemente aos “muitos escombros” (Ne 4.10), que cercam a cidade de Deus, mas, sim, até mesmo ajude a tapar algumas lacunas nas suas defesas.

Lastimo que a NIV (New International Version / Nova Versão Intemacional da Bíblia/, 1979) tenha sido impressa tarde demais para ser consultada entre as demais traduções do Antigo Testamento.

Derek Kidner

## UMA SELEÇÃO DE DATAS

	<b>Reinados</b>		<b>Questões Judaicas</b>
539-530	Ciro	538	Os primeiros que voltaram
		537/6	A reconstrução do Templo começada e interrompida
530-522	Cambises		
521-486	Dario I, Histaspes	520	A reconstrução do Templo recomeçada
		516	Completado o templo
486-465/4	Xerxes (Assuero)	486 ou pouco depois	depois: “uma acusação” (Ed 4.6).
464-423	Artaxerxes I, Longimano	458	Esdras para Jerusalém
		Pré-445	Cessou a fortificação de Jerusalém (Ed 4.7-23)
		445	Neemias para Jerusalém
		433	Neemias volta para Artaxerxes
		Pós-433	Neemias de volta à Jerusalém
423-404	Dario II, Noto	410	Carta dos judeus de Elephantina a Joanã, sumo sacerdote em Jerusalém.
		407	Carta de Elephantina a Bagoas, governador de Judá, e aos filhos de Sambalá, governador da Samaria
404-359	Artaxerxes II, Mnemom		
359/8-338/7	Artaxerxes III, Ocos		
338/7-336/5	Arses		
336/5-331	Dario III, Codomano		
331-323	Alexandre Magno		

## ABREVIATURAS PRINCIPAIS

- Ackroyd *1 and 2 Chronicles, Ezra and Nehemiah*, de P. R. Ackroyd (*Torch Bible Commentaries*), 1973.
- AJBA *Australian Journal of Biblical Archaeology*.
- AJSL *American Journal of Semitic Languages and Literatures*.
- ANET *Ancient Near Eastern Texts*, editado por J. B. Pritchard,<sup>2</sup> 1955.
- ARA Almeida Revista e Atualizada.
- ARC Almeida Revista e Corrigida.
- AV Versão Inglesa Autorizada da Bíblia (“Rei Tiago”).
- BA *Biblical Archaeologist*.
- BASOR *Bulletin of the American Schools of Oriental Research*.
- Batten *Ezra and Nehemiah* de L. W. Batten (*Internatiol Critical Commentary*), 1913.
- BDB *Hebrew-English Lexicon of the Old Testament* de F. Brown, S. R. Driver e C. A. Briggs, 1907.
- BH *Biblia Hebraica*, editada por R. Kittel e P. Kahle,<sup>7</sup> 1951.
- Brockington *Ezra and Nehemiah* de L. H. Brockington (*Century Bible*, Nova Série), 1969.
- BWANT *Beiträge zur Wissenschaft vom Alten (und Neuen) Testament*.
- Coggins *Ezra and Nehemiah* de R. J. Coggins (*Cambridge Bible Commentary on the New English Bible*), 1976.
- DOTT *Documents from Old Testament Times* editado por D. Winton Thomas, 1958.
- ET *Expository Times*.
- G–K *Hebrew Grammar* de W. Gesenius, editado por E. Kautzsch e A. E. Cowley,<sup>2</sup> 1910.
- GNB Good News Bible (Today’s English Version – “A Bíblia na Linguagem de Hoje” – ainda não existente em português no A.T.), 1976.

Heb.	Hebraico.
<i>IDB</i>	<i>Interpreter's Dictionary of the Bible.</i>
JB	Jerusalem Bible, 1966
<i>JBL</i>	<i>Journal of Biblical Literature.</i>
<i>JNES</i>	<i>Journal of Near Eastern Studies.</i>
Josefo	<i>Antigüidades dos Judeus</i> de Flávio Josefo (século 1 d.C.).
<i>JSS</i>	<i>Journal of Semitic Studies.</i>
<i>JTS</i> (NS)	<i>Journal of Theological Studies</i> (Nova Série).
K-B	<i>Lexicon in Veteris Testamenti Libros</i> editado por L. Koehler e W. Baumgartner, 1953.
Keil	<i>Ezra, Nehemia and Esther</i> de C. F. Keil, 1873.
LXX	A Septuaginta (versão grega pré-cristã do Antigo Testamento).
mg	margem.
TM	Texto Massorético.
Myers	<i>Ezra, Nehemiah</i> de J. M. Myers ( <i>Anchor Bible</i> ), 1965.
<i>NDB</i>	<i>Novo Dicionário da Bíblia</i> , editado por J. D. Douglas, Edições Vida Nova, 1966.
NEB	New English Bible Antigo Testamento, 1970.
<i>OTS</i>	<i>Oudtestamentische Studiën.</i>
<i>PEQ</i>	<i>Palestine Exploration Quarterly.</i>
RSV	American Revised Standard Version, 1952.
Rudolph	<i>Esra und Nehemia</i> de W. Rudolph, 1949.
RV	English Revised Version, 1881
Ryle	<i>Esra and Nehemiah</i> de H. E. Ryle ( <i>Cambridge Bible</i> ), 1907.
Sir.	<i>A Pesita</i> (Tradução do Antigo Testamento em Siríaco).
<i>VT</i>	<i>Vetus Testamentum.</i>
Vulg.	A Vulgata (Tradução da Bíblia em Latim, de Jerônimo).
<i>ZAW</i>	<i>Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft.</i>

## INTRODUÇÃO

### I. ESDRAS E NEEMIAS NA SITUAÇÃO HISTÓRICA DOS SEUS TEMPOS

A história diversificada dos Reis, uma questão de aproximadamente cinco séculos, terminara desastrosamente em 587 a.C. com o saque de Jerusalém, a queda da monarquia e a remoção para a Babilônia de tudo quanto tornava Judá politicamente viável.

Foi uma morte que abria o caminho para um novo nascimento. Um milênio antes disto, Israel fora transplantado para o Egito, de onde emergiu, não mais como uma família, mas, sim, como uma nação.<sup>1</sup> Agora, sua longa noite na Babilônia estava para marcar outro ponto crucial, de modo que emergiu, já não como reino, mas, sim, como rebanho pequeno com as qualidades essenciais de uma igreja. É a esta altura que começa o livro de Esdras.

A própria história do livro pode ser contada rapidamente, pelo menos em esboço. Abrange, juntamente com o livro de Neemias, pouco mais do que cem anos, desde 538 a.C. quando Ciro mandou os exilados de volta para casa a fim de reedificarem o seu templo, até cerca de 430, ou na década seguinte, quando Neemias exerceu seu segundo mandato em Jerusalém.<sup>2</sup> Não é contínua; pelo contrário, centraliza-se em derredor de três movimentos e personalidades. Primeiramente, houve a luta para conseguir reedificar o Templo nos dias de Zorobabel (com Jesua, o sumo sacerdote e finalmente, Ageu e Zacarias, os profetas). Continuou desde 538 até 516, e domina Esdras 1-6, à parte de uma di-

---

1. Este fato é ensinado enfaticamente em Dt 26.5ss.

2. Esta cronologia é disputada; ver abaixo, Apêndice IV: Uma questão de cronologia, págs. 165

## INTRODUÇÃO

gressão no capítulo 4.6-23. Depois, nada mais ouvimos durante quase sessenta anos, quando outra expedição parte da Babilônia. Desta vez, é dirigida por Esdras, que foi comissionado pelo imperador para fazer valer a lei de Moisés — tarefa esta cujas conseqüências imediatas levam o livro a uma conclusão dolorosa e abrupta. A terceira grande personalidade é Neemias, que pessoalmente conta a maioria da sua própria história revigorante da reconstrução da muralha da cidade, da luta contra seus inimigos, da repopulação de Jerusalém e da derrota dos traidores dentro dos seus próprios arraiais. Já no fim destes dois livros, os exilados que retornaram tiveram suas estruturas, visíveis e invisíveis, reestabelecidas, e sua vocação confirmada para serem um povo instruído na lei e separado das nações.

Este novo senso de identidade, no entanto, andava de mãos dadas com a subserviência política. Por estranho que pareça, agora eram mais distintivamente eles mesmos, mais judeus, do que em qualquer momento da sua existência como estado soberano. Agora havia menos escopo para seus sonhos de grandeza; haviam recebido lições duras; havia alguns homens de aço para serem seus líderes. Providencialmente, também, o império persa deu encorajamento positivo para seus povos praticarem suas próprias religiões em grande estilo e com a devida seriedade.

Isto nos leva para o pano de fundo mais geral destes livros, e para algum breve relato acerca desta potência mundial.

O fundador do império persa foi Ciro Magno, anteriormente rei do pequeno estado de Anã, perto do Golfo Pérsico. Deslocara seu suzerano Astiges em 549 a.C., e assim herdou o vasto império dos medos que formava uma fronteira em arco, ao norte e leste, com o império da Babilônia. Estendeu o império da Média bem para o oeste, para dentro da Ásia Menor, ao derrotar Creso da Lídia em 547, provocando crescente alarme na Babilônia e no Egito, os aliados da sua vítima. Em 539, a cidade da Babilônia caiu diante dele sem resistência, e Ciro começou a cumprir, inconscientemente, as profecias de Isaías 44.28; 45.1ss. ao repatriar os objetos de culto e os povos que o império babilônico levava para o cativo, reconstruindo seus templos e pedindo sua intercessão. Um extrato do seu relato sobre isto no “Cilindro de Ciro” é oferecido na pág. 16.

Em 530, Ciro foi à batalha nas regiões orientais, mas morreu e foi sucedido por Cambises, seu filho, que em 525, com rapidez extraordinária, acrescentou o Egito aos seus domínios. É fato interessante

que, embora muitos templos egípcios fossem profanados durante esta campanha, um santuário judaico em Elephantina, uma cidade com guarnição na fronteira sulina, foi poupado. (Ver abaixo, págs. 16ss. sobre a política religiosa desta dinastia.)

Porém, antes de sair para esta aventura, Cambises tinha garantido seu trono ao mandar assassinar seu irmão Smerdis (também conhecido por Bardes ou Bardiya) e ocultar o fato da sua morte. Se isto foi eficaz a curto prazo, trouxe grande número de problemas para o sucessor de Cambises. Entre os muitos líderes rebeldes que brotavam em todas as partes do império quando o trono ficou vago em 522, havia dois que sucessivamente alegavam ser o herdeiro perdido. Somente a vasta energia e perícia de Dario I (521-486) conseguiu restaurar a estabilidade já no fim do seu segundo ano. Este era o ano 520 quando Ageu e Zacarias começaram a profetizar, e quando o trabalho no Templo foi finalmente recommençado,<sup>3</sup> conforme está narrado em Esdras 5 e 6. As duas visões que Zacarias teve de cavaleiros patrulhando a terra (Zc 1.7ss.; 6.1ss.), muito provavelmente devam algo da sua forma aos revezamentos de mensageiros velozes que capacitavam os decretos do rei a percorrerem a totalidade do seu enorme domínio (cf. Et 8.10).

O rei seguinte, Xerxes I, (486-465/4) ou Assuero (estas são as formas grega e hebraica/aramaica do nome persa Khshayarshu), é mencionado apenas de passagem em Esdras (4.6), embora domine o livro de Ester. É memorável na história mundial por sua expedição espetacular, porém infrutífera, contra a Grécia em 480. A campanha do seu pai dera aos gregos a glória de Maratona em 491; a sua, acrescentou os nomes de Termópolis e Salamina à sua história.

É seu sucessor, Artaxerxes I (464-423), que nos traz de volta para um contato substancial com nossos dois livros, desde Esdras 7 até ao fim de Neemias (juntamente com uma menção de Dario (II) em Ne 12. 22<sup>4</sup>) — embora muitos estudiosos colocariam a carreira de Esdras no reinado de Artaxerxes II (404-359) ou até mesmo de Artaxerxes III (359-338). Este abandono da cronologia do nosso autor é discutido por extenso nas págs. 165-179. Supondo, no entanto, que Esdras realmente foi enviado em 458 para regular os negócios em Judá, sua mis-

3. Alguns escritores detectaram alusões a estes distúrbios recentes, e a calma que se seguiu, em Ag 2.6 e (quatro meses mais tarde) Zc 1.11. Ver, no entanto, J. G. Baldwin, *Ageu, Zacarias e Malaquias*, Série Cultura Bíblica, Edições Vida Nova e Mundo Cristão.

4. Alguns argumentam que o Dario deste versículo é Dario III. Ver abaixo.

## INTRODUÇÃO

são pode muito bem ter parecido politicamente útil a Artaxerxes I, cujos primeiros anos de reinado foram importunados pela revolta de Inaros no Egito, e que, portanto, teria estado especialmente ansioso para promover a boa ordem neste território vizinho do Egito. Poucos anos mais tarde (449), Megabizo, seu próprio governador da Síria, haveria de levantar-se em rebelião. A sensibilidade do rei no que diz respeito a esta área é vista em Esdras 4.7ss., onde era fácil jogar com seus temores quanto à deslealdade em Judá. Mais uma vez, no entanto, tinha o bom-senso de reconhecer um homem no qual poderia confiar, ao nomear Neemias como governador de Judá em 445 e dando-lhe carta branca.

Alguma luz sobre os conflitos locais de Neemias e seu resultado posterior vem de fontes extra-bíblica, das quais ficamos sabendo que seus oponentes eram homens de posição considerável. Sambalá foi, na ocasião ou mais tarde, governador da Samaria (ver sobre os papiros de Elephantina, abaixo, pág. 162), Gésem foi o líder de um grupo bastante poderoso de comunidades árabes, e Tobias foi provavelmente governador de Amom e membro de uma família judaica influente. Sua designação como sendo “o servo” é provavelmente uma abreviatura zombeteira de “o servo do rei.” Dos papiros de Elephantina sabemos também que, até 407, os filhos de Sambalá, Delaias e Selemias, estavam agindo em nome dele, e notamos pelos seus nomes que o pai cultuava, pelo menos nominalmente, a Javé — fato este que deve ter aumentado a dificuldade de Neemias em se opor a ele. Os papiros achados em 1962 em Wadi Daliyeh revela que esta família ainda estava no poder, e com a mesma religião, em meados do século seguinte, quando o filho de um segundo Sambalá era governador, com o nome javista de Hananias.<sup>5</sup>

O último rei a ser mencionado no livro de Neemias (mas apenas numa nota cronológica, Ne 12.22) é “Dario, o persa,” i.é, evidentemente Dario II (423-404). Durante o seu reinado as cartas chamadas os papiros de Elephantina foram escritas, dando-nos uma nota de rodapé em primeira mão para nossa história (ver págs. 162ss). Com o fim do século, no entanto, nosso conhecimento dos negócios judaicos até ao fim do

---

5. Ver F. M. Cross: “The Discovery of the Samaria Papyri,” *BA* 26 (1963), págs. 110-121. Josefo (*Ant.* xi. 7. 2) fala de um Sambalá que é aparentemente o terceiro nos tempos de “Dario, o último rei,” i.é, Dario III, 336/5-331, mas sua confusa cronologia persa, e sua aparente confusão entre esta pessoa e o Sambalá de Neemias, faz dele uma testemunha de pouca confiança neste ponto. Ver H. H. Rowley, *Men of God* (Nelson, 1963), págs. 256-7; H. G. M. Williamson, *JTS* (NS) 28 (1977), págs. 49-66.

império persa em 331 desvanece para quase nada — a não ser que adotemos o ponto de vista, que rejeito, de que o período de vida de Esdras pertence àquele período, no reinado de Artaxerxes II ou III (404-359, ou 359/8-338/7). Algumas migalhas de informação existem, mas pouca coisa certa ou relevante. Baseados em inscrições nalguns cabos de jarra achados em Ramate Rahel, parece que Judá continuava a ter governadores judaicos (embora haja estudiosos que entendam o texto, não como sendo “o governador” [p<sub>h</sub>w] mas, sim, “o oleiro” [p<sub>h</sub>r], i.é, quem faz as jarras).<sup>6</sup> Alguns autores antigos, inclusive Eusébio, falando de medidas punitivas contra Sicom e outros focos de distúrbios, dizem que Artaxerxes III deportou um certo número de judeus para a Hircânia (perto do mar Cáspio) no início do seu reinado — mas estão escrevendo muitos séculos depois do evento.<sup>7</sup>

O que é certo e também relevante é que nalgum tempo entre Neemias e o século II a.C. (cf. 2 Mac. 6.2; Ecli. 50.25-26) os samaritanos edificaram seu próprio templo no monte Gerizim, perto de Siquém, tornando o rompimento com os judeus quase irreparável. Josefo (*Ant.* xi. 8) coloca este evento na transição entre o período persa e o grego, i.é, cerca de 330, contando que Sambalá obteve a permissão de Alexandre para edificá-lo e instalar seu genro como sacerdote. Aqui há muita confusão com os eventos de Neemias 13.28 (um século antes) para fazer de Josefo uma boa testemunha dos pormenores; mas talvez tenha razão acerca da data da edificação.

Assim, portanto, os dois séculos do império persa foram um dos períodos mais formativos da história judaica. Das ruínas do pequeno reino de Judá emergira a pequena comunidade cuja preocupação do sentido de ser o povo de Deus pela linhagem e pela prática transformou-a na nação que encontramos no Novo Testamento. Já a futura preeminência do Templo e seus sacerdotes, da lei e seus escribas, bem como a inimizade entre os judeus e os samaritanos, podiam ser vistos no seu desenvolvimento. No decurso deste período, o regime persa recebeu

6. Para “o oleiro” ver F. M. Cross; “Judean Stamps,” *Eretz Israel* 9 (1969), esp. pág. 24; também J. Naveh: *The Development of the Aramaic Script* (Jerusalém, 1970), pág. 61. Para “o governador” ver Y. Aharoni: *The Land of the Bible* (Burns & Oates, 1966), pág. 360; além disto, respondendo a Cross e Naveh com novas evidências, N. Avigad: *Bullae and Seals from a Post-Exilic Judean Archive* (Jerusalém, Qedem 4, 1976), págs. 6-7.

7. Ver, no entanto, D. Barag em *BASOR* 183 (1966), págs. 6-12, sobre indicações arqueológicas de que algumas cidades judaicas possam ter sofrido deportações por volta daquele tempo.

## COMENTÁRIOS BÍBLICOS DA SÉRIE CULTURA BÍBLICA

Os comentários da Série Cultura Bíblica foram elaborados para ajudar o leitor a alcançar uma compreensão do real significado do texto bíblico.

A introdução de cada livro dá às questões de autoria e data um tratamento conciso, embora completo. Isso é de grande ajuda para o leitor, pois mostra não só o propósito de cada livro como as circunstâncias em que foi escrito. É também de inestimável valor para professores e estudantes que buscam informações sobre pontos-chaves, pois aí se vêem combinados o mais alto conhecimento e o mais profundo respeito com relação ao texto sagrado.

Veja a riqueza do tratamento que o texto bíblico recebe em cada comentário da Série Cultura Bíblica:

- Os comentários tomam cada livro e estabelecem as respectivas seções, além de destacar os temas principais.
- O texto é comentado versículo por versículo.
- São focalizados os problemas de interpretação.
- Em notas adicionais, as dificuldades específicas de cada texto são discutidas em profundidade.

O objetivo principal dos comentários é buscar o verdadeiro significado do texto da Bíblia, tornando sua mensagem plenamente compreensível.